

Grupo de Mulheres Erva Vida de Marudá-PA: trajetória histórica e sobrevivência de uma tradição

Grupo de Mujeres de Hierbas Vida Marudá-PA: trayectoria histórica y la supervivencia de una tradición

The Women's Group Life Herb from Marudá, State of Pará, in the Brazilian Amazon Region: the history and survival of a tradition.

Alessandra Simone Santos de Oliveira Flor
Wagner Luiz Ramos Barbosa

Resumo: este artigo aborda a história de vida de mulheres pescadoras-erвейras do grupo Erva Vida de Marudá-PA, evidenciando o etnoconhecimento presente na fitoterapia popular praticada por elas. A história destas mulheres foi trabalhada como estudo de caso, durante a pesquisa de campo em outubro de 2012. No presente estudo, foi observado que as mulheres do Grupo Erva Vida cresceram em autoestima e dignidade mediante o conhecimento terapêutico sobre plantas medicinais, do qual são herdeiras.

Palavras-chave: mulheres, trajetória, sobrevivência, tradição.

Resumen: este artículo analiza la historia de las pescadoras del grupo Hierba Vida de Marudá-PA, enseña el etnoconocimiento presente en la fitoterapia popular practicada por ellas. La historia de estas mujeres, las trabajaron como estudio de caso, durante la investigación de campo en octubre de 2012. En el presente estudio, se observó que el grupo Hierba Vida creció en autoestima y dignidad a través del conocimiento terapéutico sobre plantas medicinales que son herederos.

Palabras clave: mujeres, trayectoria, supervivencia, tradición.

Abstract: this paper approaches the life histories of fisherwomen who also are herb medicine women of the Life Herb Group, from Marudá, state of Pará, in the Brazilian Amazon Region. Special attention was given to the ethno-knowledge of the popular phytotherapy they practice. Those women's life stories were approached as case studies during the field trip carried out in October 2012. The study concluded that the women participating in the Life Herb Group have had their self-esteem and their dignity enhanced due to the therapeutic knowledge of medicinal plants they are heirs to.

Keywords: women, trajectory, survival, tradition.

Alessandra Simone Santos de Oliveira Flor é Engenheira Agrônoma, mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia PPGEDAM/ Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará. alessandraufra@hotmail.com

Wagner Luiz Ramos Barbosa é Farmacêutico Industrial pela UFRJ, Mestre em Química pelo IME-RJ e Doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Bonn – Alemanha. É Professor Associado da Faculdade de Farmácia da UFPA e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas e Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia. barbosa@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Por volta dos anos de 1997, no século passado, iniciavam-se os passos de um Grupo de Mulheres, chamado Erva Vida, junto à comunidade de pescadores do bairro do Sossego, localizado no Distrito de Marudá, no litoral nordeste do Estado do Pará. Essas mulheres tradicionalmente se reuniam às tardes, no barracão da Colônia de Pescadores local, e produziam e comercializavam remédios elaborados com plantas medicinais e artesanato em geral, para preencherem o tempo ocioso devido à escassez da pesca artesanal.

O saber cultural, herdado de seus antepassados, somado à influência recebida de duas profissionais (enfermeira e pedagoga), que trabalhavam com fitoterápicos em uma comunidade religiosa, antes de se radicarem

na praia de Marudá, resultou na atividade principal destas mulheres, que se denominavam mulheres erveiras, mas que não abrem mão de serem reconhecidas como pescadoras.

¹ Pesquisa realizada como parte da dissertação de Mestrado da autora do artigo ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia PP-GEDAM/Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará.

Este grupo de mulheres aloca em evidência o etnoconhecimento presente na fitoterapia popular praticada entre os moradores do distrito de Marudá município de Marapanim-PA e dialoga com a dinamicidade dessas mulheres pescadoras e erveiras na

superação de suas dificuldades de geração de renda, através do uso de sua sabedoria popular em benefício do aproveitamento de recursos naturais (flora medicinal) para a manipulação de remédios caseiros para dispor à população local do referido Distrito. O objetivo deste artigo é investigar a trajetória histórica do surgimento do Grupo de Mulheres Erva Vida no Distrito de Marudá PA e sua luta pela sobrevivência de uma tradição.

1. Pesquisa de Campo: observação e convivência com as mulheres

A investigação iniciou-se em outubro de 2012, com uma exposição às componentes do Grupo Erva Vida sobre o objetivo do trabalho¹, a

solicitação de consentimento das mesmas e a exposição preliminar das diversas técnicas metodológicas que seriam utilizadas para a coleta de dados. Foi detalhado o planejamento para a efetivação das entrevistas semiestruturadas, a realização de oficinas, rodas de conversa e observação participante.

Na presente investigação, foi realizada uma abordagem qualitativa e, considerando as peculiaridades apresentadas pelo grupo de mulheres do Grupo Erva Vida, foi delineado dois cenários distintos: um voltado para os saberes e usos sobre a flora medicinal: e o outro contempla a questão de gênero dessas mulheres. O conhecimento sobre plantas medicinais e as conquistas advindas, consoante o posicionamento assumido por elas frente à escassez do pescado com pesca artesanal há dezessete anos, evidenciou tratar-se de um estudo de caso.

A Observação Participante foi realizada no decorrer de doze meses, sendo esta técnica a mais complexa, em função do cuidado que requer em relação às pré-noções e à possibilidade do observador se transmutar em Participante Observador.

No decorrer da observação mais de perto da forma de agir das Mulheres do Erva Vida, foi procurado compreender a postura das componentes do grupo. Na realização da investigação, a presença frequente do observador no espaço, gradativamente, desinibiu e desarmou as poucas resistências iniciais. Nas conversas individuais ou grupais, participando, assistindo às reuniões, acompanhando as componentes e o atendimento dos clientes da lojinha, foi intensificando-se o entendimento do seu universo e de suas conquistas diárias.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com base em um esquema flexível e adaptável, seguindo-se a teorização de André (1986, p.8), segundo a qual esse procedimento permite uma captação imediata da informação e cria uma relação de interação entre o sujeito e o objeto porque estabelece influência recíproca.

Obtido o consentimento prévio de todos os participantes, foram gravadas algumas falas e registradas fotografias de suas atividades diárias.

As entrevistas foram realizadas no próprio Espaço Erva Vida, totalizando 8 entrevistas com todas as mulheres participantes do grupo.

As rodas de conversa surgiram facilmente ao longo da investigação. Segundo Nascimento (2009), as rodas de conversa funcionam como um método de participação coletiva de debates acerca de temáticas variadas, onde são “criados” espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e escutar os outros e a si mesmos. Essas rodas de conversa motivam a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão, e envolvem um conjunto de trocas e divulgação de experiências, conversas, discussão e conhecimentos entre os participantes na roda. Neste sentido, foram realizadas três rodas de conversa, no Espaço Erva Vida e em todas ocorreu uma participação ativa das mulheres, as quais contribuíam de maneira espontâneas às temáticas abordadas.

No decorrer dos doze meses de investigação, foram realizadas duas oficinas: uma voltada para trabalhar com as Mulheres do Erva Vida, a questão das boas práticas no uso e manejo das plantas medicinais cultivadas no horto do espaço, e a outra contemplou conhecimento básico sobre empreendedorismo solidário de base familiar. Nas oficinas, a sistemática utilizada, conforme se refere Oliveira (2008, p.12), buscou responder as necessidades elencadas pelas protagonistas da pesquisa, no caso específico, o interesse maior esteve sempre direcionado para o processo de utilização, com segurança, das plantas medicinais.

1. Área de Estudo: Bairro do Sossego Distrito de Marudá- Marapanim- Pará

A origem do município de Marapanim remonta ao final do século XVII e está relacionada com a presença dos missionários da Companhia de Jesus, na região do salgado paraense (FURTADO, 1987). Marudá é um distrito pesqueiro do Município de Marapanim. Seu limite ao norte é com a Baía de Marapanim em direção ao Oceano Atlântico; a leste, com a foz do Rio Marapanim; a oeste, com o Igarapé Marudá; e ao sul, com o Igarapé

Samaúma e partes dos terrenos dos povoados de Bacuriteua, Cafezal e Recreio. Os primeiros habitantes de Marudá foram os índios Tupinambás e, nas primeiras décadas do século passado, esse distrito praiano recebeu pescadores migrantes da região bragantina, atraídos pela pouca densidade demográfica do local e pelas boas perspectivas pesqueiras (FURTADO, 1987).

Contudo, os pescadores nativos têm observado a crescente diminuição da captura de peixes na região e consideram que a causa dessa ocorrência é o uso inadequado de técnicas como o curral e redes de pesca com malha pequena. Entretanto, ainda hoje, apesar da diminuição que vem sofrendo a atividade pesqueira artesanal na última década, sua principal fonte econômica é a pesca de subsistência. Os nativos de Marudá, idênticos aos de outras localidades da Zona do Salgado mostram-se estruturados como uma organização social que depende de forma decisiva dos recursos marinhos (FURTADO, 1987; COELHO&FERREIRA, 2005).

O bairro do Sossego, onde está localizado o Grupo de Mulheres Erva Vida, é uma comunidade situada em Marudá às margens da confluência do rio Marapanim com o Atlântico. Nesta comunidade, moram cerca de 200 famílias, quase que exclusivamente compostas por pescadores que habitam em casas de pequeno porte, algumas poucas ainda construídas em madeira de vegetação de restinga e que, nos últimos anos, vem dando lugar às casas de madeira de lei ou alvenaria.

Segundo Monteiro (2011), a dieta alimentar da população local é rica em peixes, caranguejos, camarão, galinhas criadas em quintais, enlatados e embutidos, sendo tal alimentação acrescida de proteína, feijão, arroz, farinha de mandioca e frutas sazonais da região (manga, melancia, caju, muruci etc.). Pouco comem hortaliças e legumes e, por questões econômicas, é raro o consumo de carne vermelha, embora seja muito apreciada pelos moradores

Na atualidade, a comunidade de pescadores vive o momento em que o elevado potencial turístico de Marudá está sendo reconhecido. Em razão disso, no bairro Sossego, tem-se observado aumento progressivo da

especulação imobiliária, incluindo mudanças na arquitetura das residências, sobretudo nas dos turistas/veranistas. Esse avanço do turismo local tem causado desequilíbrio econômico nas condições dos atores sociais nativos, concomitante, a uma expressiva devastação do mangue que circunda boa parte da área.

Estas ocorrências têm interferido nos hábitos alimentares, no equilíbrio ambiental e na economia local, concorrendo para um declínio progressivo de crustáceos (em especial o caranguejo), tanto para comercialização quanto para o consumo da população nativa. Neste sentido, diz Giddens (1991): “Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico, isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes dele”.

3. Caracterização do Grupo de Mulheres Erva Vida de Marudá-Marapanim- Pará

Ao traçar o perfil histórico da formação do Grupo de Mulheres Erva Vida, constatou-se que sua trajetória se iniciou há aproximadamente vinte anos, a partir do declínio progressivo da produção da pesca artesanal em Marudá – ocasião em que as mulheres pescadoras passaram a conviver com várias problemáticas, destacando-se a falta de renda para ajudar no sustento da família e a violência crescente decorrente do alcoolismo entre os seus companheiros.

Então, enfrentando a ferocidade dos seus companheiros e sentindo em seus lares os malefícios que a escassez da pesca estava produzindo, refletidos em alimentação mínima e aumento da embriaguez dos maridos, as pescadoras da comunidade do Sossego aceitaram o convite de uma pedagoga e de uma enfermeira alemã, conhecedoras do poder de cura das plantas medicinais, para iniciar um trabalho pioneiro com a manipulação de remédios artesanais.

Assim, trabalhando sempre em grupo e buscando uma ocupação que lhes produzisse uma fonte de renda, estas mulheres encontraram na

produção e comercialização de remédios artesanais uma alternativa para cooperar com o sustento de suas famílias e, também, alcançar uma possível independência financeira.

Sem perderem suas identidades como mulheres pescadoras, costumavam dividir o tempo ora pescando ora praticando atividades como especialistas tradicionais² – neste caso específico, o manejo e produção de remédios com plantas medicinais, haja vista que as formulações dos remédios produzidos artesanalmente pelo Grupo são todas originadas na sabedoria popular das erveiras mais antigas do Sossego, as quais recuperaram em suas memórias o conhecimento tradicional deixado por seus antepassados.

No início do Grupo, as mulheres recolhiam as folhas, raízes e cascas das plantas dos próprios quintais e se reuniam na Colônia dos Pescadores para processá-las. Posteriormente, edificaram uma casa na qual montaram um laboratório que utilizam para manipular suas formulações artesanais. Nos fundo do espaço, cultivam um horto onde há espécies de plantas utilizadas para produzir as garrafadas, xaropes, pomadas e tinturas que são comercializadas na lojinha Espaço Erva Vida, nome que elas elegeram para identificar o local. A produção possui um público fiel que as acompanham há muitos anos e que é formado por moradores locais, veranistas e visitantes ocasionais do Distrito de Marudá-Pará.

4. As Plantas Medicinais na Vida das Mulheres do Erva Vida e a Questão de Gênero

O conhecimento de remédios preparados com plantas medicinais, para sintomas e diagnósticos básicos, foi um dos parâmetros que cooperaram na modificação ocorrida na vida das mulheres do Grupo Erva Vida.³ Ao relatarem a própria trajetória inicial, essas mulheres afirmam

² Denominação dada às pessoas que cultivam saberes culturais que fazem parte da tradição de uma determinada comunidade (OMS, 1978).

³ Elas preservam um singular rito no início dos trabalhos de manipulação de seus remédios caseiros: uma oração pedindo a Deus que as oriente em todos os segmentos da produção, assim também sabedoria para que os produtos elaborados sejam isentos de efeitos adversos e causem benefícios à saúde dos usuários.

⁴ Estas mulheres costumam se apresentar primeiramente na condição de pescadoras para em seguida falar na atividade de erveiras.

que não abriam mão de serem chamadas de “pescadoras” e faziam questão de serem filiadas à Colônia de Pescadores de Marudá, para assim garantir direitos previdenciários futuros⁴.

Neste sentido, ao envolver nesta discussão uma atividade como a de pescador, reconhecida primordialmente como masculina, buscou-se uma fundamentação teórica com base nos estudos sobre gênero, envolvendo pescadoras no espaço amazônico, uma vez que, alguns autores e autoras Amazônidas realizam pesquisas e estudos com foco nesta questão, articulada à atividade pesqueira. Dessa forma, foi possível traçar o referencial teórico do estudo dessa problemática, embasado no que é refletido por Cristina Maneschy (1994) e Edna Alencar (1997), pesquisadoras da Universidade Federal do Pará.

Historicamente sabe-se que, desde os tempos primordiais, as relações na sociedade familiar sempre foram patriarcais, haja vista que o papel da mulher era de subserviência (SILVA, 2006). Ainda hoje, os grupos sociais familiares, conforme afirma Muraro (1995), regra geral se apresentam com postura organizacional baseada no patriarcado, certamente menos rígida, porém, mesmo assim, patriarcado. Em verdade, nas comunidades de menor densidade, as mulheres, independente do papel que exerçam, sejam idênticos ou de maior destaque ao dos homens, ainda são vistas como meras coadjuvantes (SILVA, 2006).

Maneschy (1994, p.34) realizou uma análise reflexiva sobre a atividade feminina na região pesqueira paraense de Ajuruteua/Bragança, região nordeste do Pará, na qual enfatizou a primazia das tarefas “do lar”. Essa reflexão encontra ressonância no observado junto à mulher do Sossego porque, de forma idêntica, tem as tarefas domésticas como ocupação principal.

Na questão referente à divisão de trabalho, nessas comunidades pesqueiras, Silva (2006) refere que o companheiro assume, como mantenedor da família, todas as atividades ligadas à pesca na parte aquática e algumas realizadas “em terra”, como eventuais consertos das redes de

pescar. Neste sentido, Alencar (1997) chama atenção para a polêmica divisão de trabalho na pesca entre os gêneros, visto que essa atividade requer a realização de trabalho no espaço aquático e na terra. Os da terra ficam sob a responsabilidade da mulher e tendem a ser considerados como extensão das atividades domésticas.

A mulher pescadora da comunidade do Sossego, em especial as mulheres do Grupo Erva Vida, realizam a pesca de subsistência, junto às margens dos rios de pequeno porte, assim como auxiliam os companheiros na despescagem dos currais e no conserto das redes de pescar e, utilizando puçás, capturam crustáceos, mas nunca assumem o comando da atividade pesqueira, função invariavelmente exercida pelo homem. Este comportamento é semelhante ao da maioria das mulheres pescadoras do litoral e da região ribeirinha amazônica, conforme refere Simonian (2006, p.7).

Na comunidade estudada, constatou-se que a escassez progressiva da captura do pescado provocou crescente dificuldade de o homem cumprir com a “obrigação” de levar o alimento para o lar⁵. Isso oportunizou que a mulher passasse a exercer outras atividades fora do lar, mas somadas às “do lar”, objetivando angariar recursos para alimentar a si e a prole. Essa alteração nos papéis da organização familiar tradicional dos pescadores, até então hegemônica, segundo Alencar (1997), ensejou um novo comportamento da mulher pescadora refletido no processo de transformação do trabalho, no caso específico do Erva Vida, com o acréscimo da função de erveira.

⁵ A maioria dos pescadores aprendeu o ofício acompanhando o pai desde criança e poucos sabiam fazer algo além de pescar.

O uso do saber popular sobre plantas medicinais como remédio, de forma fragmentária e voltada exclusivamente para os familiares e vizinhos do entorno de suas casas, acabou alterando a rotina dessas pescadoras-erveiras e provendo mobilidade social motivada pelas contingências sociais e econômicas dessas mulheres. Trabalhando em grupo, as componentes do Erva Vida foram paulatinamente se transformando de pescadoras em

erveiras, mudança que acenaram desde o início com quebras de paradigmas familiares e com perspectivas de ocupação e renda.

As conquistas das mulheres do Grupo Erva Vida iniciam pelo posicionamento que assumem, não aceitando passivamente a continuidade de uma situação desfavorável de passar a viver com o declínio progressivo da pesca em Marudá. Ao enfrentarem essa problemática, optaram pela abertura de novos caminhos, buscando conquistas particulares e coletivas que se estendem da autonomia pessoal do seu saber popular sobre plantas medicinais para fins de produção de renda para seus lares. Essa realidade aguçou entre as mulheres do Grupo Erva Vida a necessidade de realizarem outra atividade que resultasse em motivação para suas vidas, autonomia pessoal e fonte de renda para a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi observado que o Grupo de Mulheres Erva Vida cresceu em dignidade e autoestima mediante o conhecimento terapêutico sobre plantas medicinais, que lhes fora passado oralmente e por vivência, por seus antepassados.

Certamente e notadamente, ocorreu ascensão econômica entre essas mulheres, além da conscientização de serem parte e construtoras de uma nova vida. A conquista da autonomia representa para elas uma grande vitória, haja vista ser a somatória de uma série de variáveis, tais como: liberdade, visibilidade, segurança, autoestima e capital social. Tudo isso pode ser resumido na capacidade de se expressar e agir, na influência do grupo nestes dezessete anos de existência, na organização social que impulsionaram em seus lares, quando literalmente partiram na busca de outra fonte de renda para a subsistência.

Na atualidade, o grupo vive uma situação singular diante de um movimento mundial com foco expressivo na utilização de alimentos e remédios oriundos da flora e da fauna natural. Neste sentido, as componentes do Grupo Erva Vida vislumbram o crescimento de suas atividades centrado no uso e conhecimento da sabedoria popular cujos

efeitos poderão alavancar um processo de desenvolvimento do Distrito de Marudá/ PA.

E se no passado eram meras coadjuvantes no cenário de suas existências, hoje as mulheres do Grupo Erva Vida, com a experiência e capital social adquiridos, se posicionam centradas no que querem em busca de seus objetivos. Nesta perspectiva, o trabalho no bairro do Sossego no Distrito de Marudá-Marapanim/PA vislumbra uma natureza de saberes a serem pesquisados e estudados mais profundamente pela academia. Por enquanto, no âmbito deste artigo, a contribuição do estudo foi relatar a história e trajetória de vida do grupo na luta e perseverança para sobrevivência de uma tradição.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. “Gênero e trabalho nas comunidades pesqueiras”. In: FURTADO, M. L.; LEITÃO, W. Mello, A. (Orgs.). *Realidade e perspectiva na Amazônia*. Belém: MPE, 1997.

ALMEIDA, M. C. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação; abordagens qualitativas*. São Paulo: editora paulista, 1986.

COELHO-FERREIRA, M. R.; SILVA, M. F. F. “A fitofarmacopéia da comunidade pesqueira de Marudá, litoral paraense”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2005.

FURTADO, M L. *Currálistas e redeiros de Marudá*. Belém: CNPq, Museu Emílio Goeldi, 1987.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

MANESCHY, M. C. “Uma presença discreta: a mulher na pesca”. In D’INCAO, M.A; SILVEIRA, I. M. da (Orgs). *A Amazônia e a crise da modernidade*. Belém: MPEG, 1994.

MURARO, R. M. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NASCIMENTO, M. A. G. “Rodas de conversa e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia”. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA (ENEG), 10, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, I. A. (Org.); et. al. *Cartografias ribeirinhas – saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. 2. ed. Belém: UEPA/EDUEPA, 2008a.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer uma pesquisa qualitativa*. 2ª.edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008b.

SAÚDE, Organização Mundial de. *Cuidados primários de saúde*. Alma Ata 1978, Genebra, 1998. Disponível em: <http://afrolib.afro.who.int/RC/RC51/pt/AFRRC51RT.1.pdf>. Acesso: 1 de dezembro de 2013.

SILVA, C. N. e SIMONIAN, L. T. L. *A questão de gênero: um breve estudo no estuário amazônico*. Belém: Papers do NAEA/UFPA, 2006.